

RESSALVA

Atendendo solicitação da autora,
o texto completo desta tese será
disponibilizado somente a partir
de 17/11/2024



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Daniella Sigoli Pereira

**A desconstrução do mito português no romance poético de António
Lobo Antunes**

São José do Rio Preto
2022

Daniella Sigoli Pereira

**A desconstrução do mito português no romance poético de António
Lobo Antunes**

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientador: Prof. Dr. Márcio Scheel

São José do Rio Preto
2022

P436d

Pereira, Daniella Sigoli

A desconstrução do mito português no romance poético de António Lobo Antunes / Daniella Sigoli Pereira. -- , 2022

187 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto,

Orientador: Márcio Scheel

1. António Lobo Antunes. 2. romance poético. 3. mito. 4. ironia. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto.

Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Daniella Sigoli Pereira

A desconstrução do mito português no romance poético de António Lobo Antunes

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Márcio Scheel
UNESP – São José do Rio Preto
Orientador

Prof^a. Dr^a. Ana Paula Garcia
Instituto Federal do Mato Grosso – Diamantino

Prof. Dr. Arnaldo Franco Junior
UNESP – São José do Rio Preto

Prof. Dr. Fábio Lucas Pierini
UEM – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Orlando Nunes Amorim
UNESP - São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
17 de novembro de 2022

Dedico este trabalho aos meus pais, Waldemar e Maria Elena, meus maiores exemplos e incentivadores.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Márcio Scheel, pelos 12 anos de amizade, de orientação e do constante sorrir na minha formação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter sido luz para o meu caminho.

Ao meu orientador Márcio Scheel, pela amizade, por ter me apresentado a António Lobo Antunes em 2010 e por ter me concedido uma orientação valiosa, sem a qual a realização deste trabalho não seria possível.

Ao professor Orlando Amorim, pela amizade, pelas conversas ao longo do caminho e por sua leitura cuidadosa deste trabalho. Além disso, agradeço sua disponibilidade de participar da minha qualificação e em retornar a minha defesa.

Ao professor Fábio, pelos questionamentos e contribuições no exame de qualificação e pela disponibilidade de estar presente novamente na defesa.

À professora Ana Paula, companheira de turma por quem tenho imensa admiração, pela disponibilidade de ler meu trabalho e de participar da defesa.

Ao professor Arnaldo, pela disponibilidade de ler meu trabalho, de participar da defesa e de compartilhar seus conhecimentos.

Aos meus pais e ao meu irmão, por terem uma fé inabalável na realização das minhas travessias.

Ao Adriano, pela lealdade, companhia e incentivo durante as mais tortuosas caminhadas.

Aos meus amigos de São José do Rio Preto, Catanduva e Salvador, obrigada por me fazerem sorrir e continuar quando a vida se tornou mais difícil.

Ao IBILCE/UNESP e aos meus professores de graduação e de pós-graduação em Letras, por terem me proporcionado uma formação pública de qualidade.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

“Porque quem não sabe a arte, não na estima.”
CAMÕES (2000, p. 237).

RESUMO

O presente trabalho analisa a desconstrução do mito português em romances poéticos representativos da obra do escritor António Lobo Antunes. Entendemos que, no seu processo de construção de narrativas poéticas, o autor gera um movimento pendular, assim como pensa Eduardo Lourenço (1999), de desconstrução e reconstrução antagônica dos mitos ideológicos de Portugal, criando, assim, uma espécie de antimito português. Ora, ainda que tematicamente oposto aos grandes mitos fundadores de Portugal no que concerne às questões temáticas, a linguagem para a desconstrução dessas narrativas não deixa também de ser lírica. Porém, enquanto a construção dos mitos ideológicos apresenta o tom enaltecedor da ode, a sua desconstrução tal como observamos em Lobo Antunes, apresenta o da elegia. Isso porque seu “canto” irônico é marcado por imagens da falência, amargura, solidão, ruína, desamparo e desilusão. A obra de António Lobo Antunes, ao contribuir para o movimento oscilatório da euforia e desencantamento, descobre todas as ilusões pelas quais os mitos foram revestidos durante o governo Salazarista. Por fim, considerando que o escritor português escolhido por nós como objeto de análise apresenta uma obra extensa, foi necessário que uma seleção fosse feita, sendo ela composta pelos seguintes romances: *Memória de Elefante*, (1979); *Auto dos danados*, (1985); *As naus* (1988); *A Morte de Carlos Gardel*, (1994); *Manual dos Inquisidores* (1996) e *O Arquipélago da Insónia*, (2008); e *Não é meia-noite quem quer* (2012). Tais obras foram escolhidas por representarem diferentes ciclos da escrita de Lobo Antunes e por apresentarem usos diferentes da linguagem e mundos coesos muito singulares, mas que levam a um resultado poético similar.

Palavras-chave: Mito. Ironia. Romance poético. António Lobo Antunes.

ABSTRACT

This study analyzes the deconstruction of the Portuguese myth in representative poetic novels written by António Lobo Antunes. As Eduardo Lourenço (1999) thinks in the process of building poetic narratives the author generates a pendulum movement of deconstruction and antagonistic reconstruction of the Portuguese ideological myths, thus creating a kind of Portuguese anti-myth. Although thematically opposed to the great founding myths regarding thematic issues, the language for his deconstruction is also lyrical. However, while the construction of ideological myths presents the ode's exalting tone, the deconstruction presents that of the elegy in Lobo Antunes. This occurs because his narratives are marked by images of ruins, bitterness, loneliness and disillusionment. The work of António Lobo Antunes, by contributing to the oscillatory movement of euphoria and disenchantment, uncovers all the illusions by which the myths were covered during the Salazarist government. Finally, considering that Lobo Antunes has an extensive work, there was a selection of books, which was composed of the following novels: Memória de Elefante, (1979); Auto dos danados, (1985); As naus (1988); A Morte de Carlos Gardel, (1994); Manual dos Inquisidores (1996) e O Arquipélago da Insónia, (2008); e Não é meia-noite quem quer (2012). These works were chosen because they represent different cycles of Lobo Antunes' writing and because they present different uses of language and very unique cohesive worlds, but which lead to a similar poetic result.

Keywords: Myth. Irony. Poetic novel. António Lobo Antunes.

TABELA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – The Punishment of the Arrogant Niobe by Diana and Apollo,
por Pierre Jombert, 1772.

46

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	UMA TEORIA POSSÍVEL SOBRE O MITO	14
2.1	O mitologismo na literatura: o romance moderno do século XX	19
2.2	O ressurgimento dos mitos no século XX e os Estados de extrema-direita	22
3	OS MITOS PORTUGUESES E O ESTADO NOVO SALAZARISTA	27
3.1	A construção ideológica de Salazar	28
3.2	A queda do Regime e o enfrentamento necessário	40
3.3	A violência mítica na construção ideológica de Salazar	44
4	ANÁLISE DAS OBRAS LITERÁRIAS – UM ENFOQUE SOBRE A MITO-POÉTICA	50
4.1	Memória de elefante (1979)	53
4.2	Auto dos danados (1985)	59
4.3	As naus (1988)	82
4.4	A morte de Carlos Gardel (1994)	100
4.5	Manual dos inquisidores (1996)	105
4.6	O esplendor de Portugal (1997)	111
4.7	Arquipélago da insônia (2008)	124
4.8	Não é meia-noite quem quer (2012)	139
5	A MITO-POÉTICA DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES	145
5.1	Elementos da mito-poética de Logo Antunes	147
5.1.1	Tempo	151
5.1.2	Fragmentação discursiva	157
5.1.3	Polissemia e estrutura do romance moderno	160
5.1.4	Figuras de imagem	165
5.1.5	Ritmo	169
5.1.6	Ironia	171
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	177
	REFERÊNCIAS	180

1. Introdução

As leituras e discussões prévias advindas da nossa dissertação de Mestrado¹ e da investigação da narrativa poética de António Lobo Antunes fizeram com que fosse possível perceber que a construção dos romances poéticos ultrapassa a sua simples aproximação com o gênero lírico. Nas obras aqui investigadas, propomos, ainda, que a sua poética é uma própria releitura das narrativas históricas e mitológicas de Portugal. Como não podia deixar de ser, em António Lobo Antunes a releitura e reescrita dessas narrativas não é unicamente paródica, ainda que assim se apresente em muitos momentos, mas é, principalmente, irônica no tratamento de seus temas e atenta à contínua construção do seu estilo linguístico, é sublime nas imagens e angustiante em suas reflexões. Por fim, ela é reveladora da consciência individual e coletiva de um país que parece ainda não ter conseguido encarar, sem disfarces, sua origem, seu progresso, sua queda e sua esperança frágil no retorno de um império marcado pelo tempo do eterno porvir. Nesse seu projeto de enfrentamento, tal como o lemos, Lobo Antunes desconstrói uma série de mitos, derrubando as grandes imagens, os grandes líderes e os grandes destinos da pátria, narrados e solidificados por longos anos em Portugal, para nos mostrar como eles se apresentam na sua essência e na sua mesquinhez, sem máscaras e sem idealizações. Se os mitos das comunidades primitivas têm como princípio a cosmogonia, Lobo Antunes nos apresenta o fim, se os mitos gregos colocam os grandes heróis em suas aventuras epopeicas, Lobo Antunes nos revela um indivíduo comum transeunte de suas próprias ideias e quase inapto para a existência cotidiana, se os mitos Camonianos nos apresentam um Vasco da Gama e uma nação honrosa e conquistadora, Lobo Antunes os coloca à margem, se Camões nos canta uma ode, Lobo Antunes nos apresenta a elegia, e, por fim, se Salazar constrói-se sobre mito de *homo divinus* e *magus*, Lobo Antunes nos mostra a sua decadência e a de seus governados. Claro que, para tal feito, a poética mitológica do autor português entra em ação formando um elo inseparável e fundamental entre seu dizer lírico (a construção da mito-poética) e o tratamento moderno a mitos antigos consolidados no imaginário coletivo português (mitologismo).

Para além do nosso interesse literário e linguístico, as apropriações e releituras mitológicas feitas por sistemas de governos modernos de extrema direita, em especial, o

¹ Ver PEREIRA, D. S. **A relação entre narrativa poética, memória e esquecimento em Memória de elefante, de António Lobo Antunes**. Dissertação de mestrado. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2016.

do Estado Novo de Portugal, instaurado, sustentado e governado por Salazar de 1933 a 1974, foram também ponto de partida para o desenvolvimento deste estudo, já que é desse tempo e de uma época imediatamente posterior que nos fala Lobo Antunes.

Assim, para que tais reflexões aconteçam no nível crítico literário, essa tese assume como objetos principais de análise os seguintes romances: *Memória de elefante*, (1979); *Auto dos danados*, (1985); *As naus* (1988); *A morte de Carlos Gardel*, (1994); *Manual dos Inquisidores* (1996); *O Arquipélago da insónia*, (2008); *O esplendor de Portugal* (1997) e *Não é meia-noite quem quer* (2012). Ainda que extensas em número de páginas, tais obras foram escolhidas por representarem diferentes ciclos da escrita de Lobo Antunes e por apresentarem mundos coesos muito singulares, mas que levam a um resultado mito-poético similar, seja pela sua construção temática, seja pela recorrência de recursos linguísticos dos quais o autor português lança mão para a escrita do seu texto. Tal processo lírico interliga e conduz toda obra de Lobo Antunes. Durante o desenvolvimento de nossa pesquisa, demonstramos que, ainda que os alicerces principais de suas obras sejam similares àqueles pensados para a construção de uma narrativa poética tradicional (monólogo interior, memória e tempo), Lobo Antunes faz uma apropriação e combinação muito particular e única desses elementos. Juntamente com a poética mitológica, tal como pensada por Ernst Cassirer (2013), o autor cria um estilo que tende à fragmentação radical da narrativa de modo que, em muitos romances, por exemplo, surge um ritmo, tal qual o de um poema, por meio da quebra dos parágrafos, dos períodos e dos próprios episódios do enredo. Tal apropriação e combinação singulares atravessam majoritariamente todas as suas obras, criando, assim, um romance poético inovador. Ao optarmos por tal seleção, não pretendemos fazer um mapeamento superficial de sua obra, mas identificar, por meio das narrativas selecionadas, os aspectos mito-poéticos inovadores de Lobo Antunes e perceber de que forma foram desenvolvidos, incorporados e radicalizados ao longo de sua produção. Entendemos que suas narrativas apresentam processos de composição muito singulares e que a estrutura romanésca, o espaço, a voz que conduz a narrativa, a temática central abordada e a rede figurativa colocada em jogo em cada romance compõem um universo único e coeso. Porém, há um elemento narrativo-poético singular nas obras de Lobo Antunes que é responsável por articulá-las num mesmo enquadramento, qual seja, a desconstrução do mito português por meio da ironia discursiva e temática.

Todo o seu percurso lírico, composto por esses elementos aqui explanados, justifica-se e ganha maior significação se compreendermos o princípio organizador do

conjunto da obra de António Lobo Antunes, que é a ironia – do próprio processo de construção da escrita romanesca, assim como da temática da história de si, do seu país e de seus conterrâneos -, tornando-se, assim, o elemento que funde os seus diferentes livros.

Para realizarmos tal reflexão, esta tese está dividida em quatro capítulos. No primeiro, estudamos as faces e características do mito. Nesse capítulo analisamos o que define a estrutura do mito (e do antimito por sua vez), a sua linguagem e os meios pelos quais eles foram apropriados pelos Estados de Extrema-direita no século XX. Aproveitamos, por fim, para definirmos os caminhos da poética empregados nas construções narrativas mitológicas

No segundo capítulo, pensamos sobre os mitos fundadores de Portugal, bem como outros mitos portugueses que foram apropriados pelo governo Salazarista, a fim de analisarmos e compreendermos suas distorções para a sustentação de um regime fascista ao longo de quarenta anos. Essa recuperação se faz necessária porque é desse tempo que Lobo Antunes escreve, ironiza e nos reconta às avessas os mitos portugueses.

No terceiro capítulo, dedicamos nossa atenção à análise crítica-interpretativa das obras supracitadas e, portanto, à análise do processo de construção da mito-poética portuguesa nos mais diversos ciclos de escrita do escritor e do seu processo de desconstrução das narrativas mitológicas. Entendemos que essa oposição pode se dar pela recusa ao aspecto fantasioso do mitológico, por outro lado, desconstruir também pode significar narrar uma versão oposta àquela consagrada pelos mitos originais. Já no âmbito estrutural, a desconstrução pode ainda ser entendida como aquela que se configura enquanto uma narrativa que perdeu as estruturas formais e linguísticas das narrativas mitológicas tradicionais. Assim sendo, pode-se negar o mito pela via do seu conteúdo interno, da sua estrutura narrativa ou do seu significado extratextual. O que podemos afirmar é que entendemos o movimento manifesto na obra de António Lobo Antunes pela via da dessacralização, da ironia, da decadência, da baixeza dos temas e personagens e pela substituição do imaginário fantasioso da grandeza nacional e de seus heróis para o enfrentamento realista tardio e incômodo no que concerne ao seu conteúdo interno. É evidente que não estamos tratando de narrativas que se propõem a estabelecer novos mitos contrários aos que foram originalmente cantados, mas eles se dedicam a um processo reflexivo necessário após anos de permanência cultural dos mitos fundacionais portugueses e de crença nas suas idealizações. As narrativas constituem, como num processo terapêutico coletivo, uma tentativa de expurgo, ainda não finalizada, e de

elaboração do luto simbólico do projeto de grande e imensa pátria sempre ansiada, mas que se mostrou inalcançável.

Por fim, no quarto capítulo, conceituamos os elementos da mito-poética presentes no estilo de escrita de Lobo Antunes, sendo eles: tempo, fragmentação discursiva, uso das figuras de imagem, construção rítmica, polissemia de seus conteúdos e o elemento de ligação de todos eles, a ironia. Quando falamos desses aspectos, veremos inovações muito próprias do percurso do autor. Desse modo, entendemos que estudar sua construção mito-poética é de relevância significativa para a solidificação da crítica literária sobre o autor lusitano e sobre o movimento literário no qual ele está inserido em Portugal após a Revolução do Cravos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudarmos a desconstrução do mito português em Lobo Antunes, pudemos notar que seu percurso narrativo forma um todo coeso. Analisar algumas de suas obras nos permite perceber que, ainda que estejamos diante de universos temáticos e enredos singulares, há sempre uma outra história contada nas entrelinhas que se conectam no coletivo. Nesse sentido, é como se o autor estivesse a escrever uma grande obra final, em que cada livro comporia uma espécie de capítulo ou parte. Tal como ele afirma em entrevista dada a João Paulo Cotrim:

Tenho a sensação que [os romances] formam um contínuo... Tinha a ilusão de que estava a fazer livros muito diferentes uns dos outros e, no entanto, é como se formasse um único livro dividido em capítulos, e cada capítulo fosse um livro por si (2008, p. 475).

Durante quatro décadas, desde 1979 com o lançamento de *Memória de elefante*, Lobo Antunes publicou trinta e sete romances, construindo, livro após a livro, mundos ficcionais em que enredos, elementos linguísticos, espaços e personagens ora se apartam ora se aproximam, se renovam e se complementam. Nesse projeto de construção, os elementos da sua mito-poética tornam-se mais pujantes e ganham novos contornos. Essas mudanças simbolizam o amadurecimento de escrita do autor, assim como surgem diante das intenções discursivas colocadas em cada livro.

Por isso, consideramos que a pesquisa acerca do percurso literário de Lobo Antunes é de fundamental importância não só pelo destaque editorial que seus livros permanentemente recebem, como também para integrar um processo de solidificação da crítica literária sobre o autor lusitano e sobre o movimento literário no qual ele está inserido em Portugal.

Ele propõe, junto de outros autores portugueses contemporâneos, como José Saramago, Lídia Jorge, Teolinda Gersão, Agustina Bessa-luís, , Maria Isabel Barreno, entre outros, obras que produzam crítica à História Nacional, aos mitos ideológicos portugueses seculares, aos mitos retomados pelo Estado Novo e a uma certa memória coletiva que enaltece um passado distorcido e idealizado. Assim, tal como nos explica o pesquisador Felipe dos Santos Matias,:

A eliminação da prática censória colocou os escritores portugueses diante de um horizonte efetivamente aberto. Se durante o autoritarismo salazarista os ficcionistas foram obrigados a lançar mão de uma linguagem muitas vezes cifrada, hermética e alegórica, a Revolução dos Cravos gerou a necessidade de expressão, em oposição ao silêncio castrador imposto anteriormente. Assim, foram produzidas obras nas quais são traduzidas as aventuras e desventuras coletivas e individuais das décadas de repressão (2019, p. 4).

Nesse viés, é possível observar traços coletivos em comum entre os autores portugueses após a Revolução dos Cravos, como a mistura de gêneros, a polifonia, a fragmentação narrativa e a recuperação do passado nacional muitas vezes feita por meio da paródia. Porém, é claro que cada autor apresenta um traço muito próprio, de acordo com seu estilo e com as intenções empenhadas em cada produção (ARNAUT, 2010). Em Lobo Antunes, como concluímos, nota-se fundamentalmente a crítica irônica à História Nacional e aos alicerces mitológicos empregados por Salazar. Nesse percurso, há uma notória preocupação com a construção poética do antimito português por meio de elementos da sua mito-poética.

Entre os elementos com os quais trabalhamos ao longo do quarto capítulo “A mito-poética de António Lobo Antunes”, dois merecem maior atenção, o ritmo e a ironia. O ritmo, muito marcado pelo paralelismo observado no interior de todos os romances, é também o paralelismo que repercute entre todas as obras, cujo refrão sempre é evocado pelo tom da ironia. Essa figura de linguagem abre espaço para uma crítica ferrenha às instituições tão enaltecidas pelo Estado Novo, tal como a família tradicional, marcada por valores religiosos, reconhecidamente católicos, a colonização em África, lembrada como um dever português para bem educar e catequizar os africanos, a expansão marítima do território português, destinado às navegações, o Estado, na figura de Salazar, que traria de volta as glórias passadas e o catolicismo, regido por valores morais e éticos inquestionáveis.

Por isso, quando se pensa no projeto de escrita do autor, como uma forma de permanente combate e resistência aos anos do Estado Novo e a uma certa cultura de esquecimento e adoração pelos feitos por tal governo, percebe-se que essas obras formam um todo coeso. O universo das narrativas nos permite sempre entrever a evocação dos mitos dos quais Salazar se apropriou para propagar seu governo e saber durar no poder, quais sejam: *o mito palingenético, o mito da essência ontológica do país, o mito imperial, o mito da ruralidade, o mito da essencialidade orgânica e corporativa da nação, o mito da pobreza honrada, e o mito da essência católica da identidade nacional.*

Nesse universo, a desconstrução das narrativas míticas tradicionais é feita ao expor a fragilidade de seu conteúdo e ao criticar o seu efeito letárgico impeditivo de mudanças políticas e sociais. Porém, é notório que sua ação questionadora não tem o propósito de instaurar um novo direito no lugar do que procura depor.

Nesse viés, Lobo Antunes se apropria da ambivalência da mitologização das obras literárias do século XX e a desenvolve com maestria ao longo de suas narrativas. Ao desconstruir as narrativas míticas tradicionais, recontando-as às avessas, Lobo Antunes denuncia a podridão dos seus conteúdos e condena a estagnação político-social que elas geram. Por outro lado, a forma que encontra para manifestar essa crítica é por meio de uma composição poética já presente nas narrativas míticas. Assim, os mitos são evocados em sua obra para gerar dois efeitos. Ora são para escancarar a paralização que uma sociedade sofreu quando se tornou oprimida por narrativas que se transformaram em verdades inquestionáveis, ora são para recontar esses mitos, mas agora de forma irônica, através de personagens comuns dos cotidianos (os que sofreram e os que fizeram sofrer, os que consciente ou ignorantemente colaboraram para a perpetuação desse sistema). Nesse sentido, a ironia é geradora de uma força tamanha, já que a crítica se torna ferrenha, os danos se tornam quase explícitos e a deterioração da sociedade corrói cada núcleo das personagens que acompanhamos.

Não há como passar pela leitura das obras de Lobo Antunes e, portanto, pelo enfrentamento das releituras desses mitos, sem sair incomodado, sem fazer questionamento e sem de alguma forma ser partícipe de um riso irônico diante de circunstâncias que parecem absurdas. Assim, em suas obras, o mito deixa de representar um movimento de estagnação e se torna gerador de um movimento necessário, é o canto poético que ecoa pelo espaço e pelas gerações que atravessam seus livros. A ambivalência, enquanto uma potencialidade dos mitos nas narrativas modernas, ganha, em Lobo Antunes, força poética e crítica primordiais para o enfrentamento necessário após a Revolução dos Cravos.

REFERÊNCIAS

ALONSO, M.; LEITE, G. M. M. O substrato mítico em A Paixão Segundo G.H., de Clarice Lispector. **Rev. de Letras**. Nº 29. Vol. 1/2 – jan/dez. Fortaleza: Edições da Universidade Federal do Pará, 2008. p. 11-16.

ANTUNES, A. L. **Memória de elefante**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ANTUNES, A. L. **Auto dos danados**. Lisboa: Dom Quixote, 1986.

ANTUNES, A. . **As naus**. Rio de Janeiro: Dom Quixote, 2011.

ANTUNES, A. L. **A Morte de Carlos Gardel**. Lisboa: Dom Quixote, 1994.

ANTUNES, A. L. **Manual dos Inquisidores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ANTUNES, A. L. **O Arquipélago da Insônia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

ANTUNES, A. L. **Não é meia-noite quem quer**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

ANTUNES, A. L. **Comissão das lágrimas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

ARNAUT, A. P. Post-Modernismo: o futuro do passado no romance português contemporâneo. In: **Via Atlântica**. n17. p.129-140, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50544/54660> . Acesso em 28 de agosto de 2022.

BENJAMIN, W. **Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)**. São Paulo: Editora 34, 2011.

BENJAMIN, W. **Documentos de cultura, documentos de barbárie**: escritos escolhidos/ seleção e apresentação Willi Bolle. Tradução Celeste H.M. Ribeiro de Sousa...et al. São Paulo, 1986

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**: edição pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

BORBA, Francisco da Silva. **Dicionário Unesp do Português Contemporâneo**. São Paulo: Unesp, 2004.

BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.

CÂNDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CAMÕES, Luís Vaz de. **Canções e Elegias**. Direção Literária Dr. Álvaro Júlio da Costa Pimpão. Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/bv000161.pdf> . Acesso em 09 de abril de 2021.

CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. Portugal: Instituto Camões, 2000.

CARVALHO, A. L. C. de. **Foco narrativo e fluxo da consciência; questões de teoria literária**. São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

CARVALHO, S. J. D. **A Ficção de António Lobo Antunes: os Mecanismos do Cómico**. Tese de doutorado. Universidade de Coimbra, 2019, 256f.

CASSIRER, E. **Linguagem e mito**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.

CASSIRER, E. **O mito do Estado**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

CHAVES, E. Mito e política: notas sobre o conceito de destino no “Jovem Benjamin”. **Trans/Form/Ação**. São Paulo, v. 17, p. 15-30, 1994.

DE MELO, J. L. Lobo Antunes e os Manuais dos inquisidores: uma leitura comparativa entre a inquisição e o Salazarismo. **Revista Crioula**, n. 3, 2008.

CARDOSO, N. do V. António Lobo Antunes: a dança das almas mortas. **Santa Barbara Portuguese Studies**, v. 6, p. 26-56, 2021.

CARDOSO, N. Suicídios, sudários e autobiografia na obra de António Lobo Antunes/Suicides, shrouds and autobiography in the work of António Lobo Antunes. **Eikon**, n. 3, 2018.

COTRIM, João Paulo. “Ainda não é isto que eu quero”. In: ARNAUT, Ana Paula. (Org.) Entrevistas com António Lobo Antunes (1979-2007): Confissões do trapeiro. Coimbra: Almedina, 2008. p. 473-484.

DÚMEZIL, G. **Do mito ao romance**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1992.

DURKHEIM, E. **O suicídio: estudo de sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000

ELIADE, M. **Aspectos do mito**. Trad. de Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 1963.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

ELIADE, M. **Mitos, sonhos e mistérios**. Trad. Samuel Soares. Lisboa: Edições 70, 2000.

ELÍADE, M. **O mito do eterno retorno**. Tradução José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

FEHÉR, F. **O romance está morrendo?** Trad. de Eduardo Lima. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1972.

FREEDMAN, R. **The lyrical novel**. Princeton: Princeton U.P., 1971.

FREUD, Sigmund. **Escritos sobre literatura**. Tradução de Saulo Krieger. São Paulo: Hedra, 2014.

FREUD, S. **Luto e melancolia**. Tradução: Marilene Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FRYE, N. **Anatomia da crítica**. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

GAVIOLI, N; SALES, B. N. (org). **Santa Barbara Portuguese Studies: Volume 6**, António Lobo Antunes. California: University of California Santa Barbara. Disponível em: <https://sbps.spanport.ucsb.edu/volume/6> . Acesso em 28 de agosto de 2022.

HUTCHEON, Linda. **Teoria e política da ironia**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

JAEGER, W. **Paideia: a formação do homem grego**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1994.

KIERKEGAARD. **O conceito de ironia, constantemente referido a Sócrates**. In: Samlede Værker. Copenhagen, Gyldendal, vol. III. Apresentação e tradução brasileira de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis:Vozes, 1991.

KOCH, I. V., ELIAS, M. V. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2008.

LEVECOT, A. Profundezas do tempo no romance português do último quarto do século XX. **Uniletras**, Ponta Grossa, vol. 33, n. 1, p. 9-28, jan./jun. 2011.

LOURENÇO, E. **A Europa desencantada: Para uma mitologia europeia**. Lisboa: Gradiva, 2001.

LOURENÇO, E. **A nau de Ícaro**. Lisboa: Gradiva, 1999.

LOURENÇO, E. **Mitologia da saudade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LOURENÇO, E. **O labirinto da saudade**. Lisboa: Dom Quixote, 1991.

LOURENÇO, E. **Os militares e o poder** seguido de O Fim de todas as guerras e a guerra sem fim. Lisboa: Gradiva, 2013.

LUKÁCS, G. **A teoria do romance: um ensaio histórico filosófico sobre as formas da grande épica**. Trad. Posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34; Duas Cidades. 2007.

MACHADO, Guacira Marcondes. Tempo e espaço na narrativa poética. **Itinerários: Revista de Literatura**, 1998.

MATIAS, F. dos S. Saramago e a sua crítica ao salazarismo nos seus romances iniciais. **Navegações**, v. 12, n. 2, p.1-12, 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/navegacoes/article/view/32994/19340> . Acesso em 29 de agosto de 2022.

MAXWELL, K. **O império derrotado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MEDEIROS, Constantino Luz de. The Form of Paradox: Friedrich Schlegel and the Romantic Irony. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 37, n. 1, p. 51-70, Jan./Abril, 2014.

- MIELIETINSKI, E. M. **A poética do mito**. São Paulo: Editora Forense, 1987.
- PEREIRA, D. S. **A relação entre narrativa poética, memória e esquecimento em Memória de elefante, de António Lobo Antunes**. Dissertação de mestrado. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2016.
- PIMENTEL, Manuel Cândido - O mito de Portugal nas suas raízes culturais. In Matos, Artur Teodoro de ; LAGES, Mário Ferreira, coord. **Portugal: percursos de interculturalidade**. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2008.
- RIBEIRO, M. C. **Uma História de Regressos, Império, Guerra Colonial e Pós-Colonialismo**. Porto: Edições Afrontamento, 2004
- ROSAS, F. **Salazar e o poder: a arte de saber durar**. Lisboa: Tinta da China, 2013.
- ROSAS, F. O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo, **Análise Social**, Lisboa, vol. XXXV (157), 2001.
- ROSAS, F. Ser e não ser. A Revolução portuguesa de 1974/1975 no seu 40º aniversário, **Sigila**, 2014/2 (Nº 34), p. 171-182. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-sigila-2014-2-page-171.html> . Acesso em 07 de abril de 2021.
- SALAZAR, O. **Discursos e notas políticas (1928-1934)**. Coimbra: Coimbra Editora (V. I) .Disponível em: <https://www.oliveirasalazar.org/discursosEscritos.asp>. Acesso em 11 de abril de 2020.
- SALAZAR, O. **Discursos e notas políticas (1934-1937)**. Coimbra: Coimbra Editora (V. II) .Disponível em: <https://www.oliveirasalazar.org/discursosEscritos.asp>. Acesso em 11 de abril de 2020.
- SCHLEGEL, Friedrich. **O dialeto dos fragmentos**. Tradução de Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1991. STROHSCHNEIDER-KOHR, Ingrid. *Die romantische Ironie in Theorie und Gestaltung*. Tübingen: Max Niemeyer, 2002.
- SILVEIRA, J. F. **Escrevendo a casa portuguesa**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- SOARES, A. **Gêneros literários**. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- SUZUKI, Márcio. Sobre Música e Ironia. Idealismo Alemão. **Revista Dois Pontos**. Curitiba – São Carlos, v. 4, n. 1, p. 175-200, 2007.
- TADIÉ, J. -Y. **Le Récit poétique**. Paris: Gallimard, 1994.
- VERNANT, J.P. **Mito e pensamento entre os gregos**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2008.
- WATT, I. **Ascensão do romance**. Trad. de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ZUFFERLI, Carla. **Dicionário Etimológico da Mitologia Grega.** Disponível em: www.demgol.units.it. Acesso em 18 de abril de 2021.